

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

A CRUZ DE FOGO

LIVRO CINCO - PARTE II

DIANA GABALDON





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Este livro é para minha irmã, Theresa Gabaldon,
com quem contei as primeiras histórias.*

PARTE VI

A Guerra da Regulação



“E LUTAR CONTRA ELES, DIZENDO QUE TINHAM HOMENS EM NÚMERO SUFICIENTE PARA MATÁ-LOS, PODEMOS MATÁ-LOS.”

Depoimento de Waightstill Avery, Testemunha

Carolina do Norte

Mecklenburg County

Waightstill Avery testemunhou e disse que no dia 6 de março, às nove ou dez horas da manhã, ele, o Depoente, estava na casa onde agora reside um tal Hudgins, que vive na extremidade mais baixa da ilha comprida.

E lá o Depoente viu trinta ou quarenta dessas pessoas que se dizem reguladores, e foi então preso e tomado como prisioneiro por um deles (que disse se chamar James McQuiston), em nome de todos eles, e logo depois certo James Graham (ou Grimes) disse ao Depoente estas palavras: “O senhor agora é prisioneiro e não deve ir a lugar nenhum sem um guarda.” Em seguida, acrescentou: “O senhor deve se manter com seu guarda e não será ferido.”

O Depoente foi então conduzido sob a guarda de dois homens ao acampamento de regulação (como eles o chamam), a cerca de 1,5 quilômetro de distância, onde havia diversas outras pessoas da mesma denominação e outros que chegaram algumas horas depois, em um total, como o Depoente supõe, de cerca de 230.

Por meio deles, o Depoente tomou conhecimento dos nomes de seis de seus capitães ou líderes ali presentes (são eles: Thomas Hamilton e outro Hamilton, James Hunter, Joshua Teague, um tal Gillespie e o já citado James Grimes [ou Graham]). O Depoente ouviu muitos deles, cujos nomes são para ele desconhecidos, proferirem injúrias contra o governador, os juízes do Tribunal Superior, a Assembleia e outras pessoas no governo. Enquanto uma multidão em volta de nós falava coisas ainda mais graves, o dito Thomas Hamilton ficou de pé no meio e disse palavras do seguinte teor e conteúdo (a multidão ainda assentindo e atestando a verdade do que ele dizia):

“Com que direito Maurice Moore atua como juiz? Ele não é juiz, não foi nomeado pelo rei, nem ele nem Henderson, nenhum dos dois vai presidir um tribunal. A Assembleia se reuniu e realizou um Ato Rebelde, e as pessoas estão mais iradas do que nunca. Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido para o país, pois agora seremos forçados a matar todos os escrivães e advogados, e vamos matá-los, juro que eles serão mortos. Se não tivessem feito esse Ato, poderíamos ter deixado que alguns deles vivessem. Um Ato Rebelde! Nunca houve um ato assim nas Leis da Inglaterra nem de nenhum outro país, exceto a França. Eles o trouxeram da França, e trarão também a Inquisição.”

Muitos disseram que o governador era amigo dos advogados e que a Assembleia havia levado a melhor sobre os reguladores ao promulgar leis sobre honorários. Eles trancafiaram Husband na cadeia para que ele não pudesse ver seus atos maliciosos, e então o governador e a Assembleia fizeram exatamente as leis que os advogados queriam. O governador é amigo dos advogados; estes conseguem tudo, e nomeiam juízes de paz ignorantes e fracos para servir a seus próprios interesses.

Não deveria haver advogados na província, não no que dependesse deles. Fanning fora proscrito no dia 22 de março e qualquer regulador que o visse depois desse dia poderia assassiná-lo, e alguns diziam que eles não esperariam por isso, desejavam poder vê-lo e juravam que o matariam antes de voltar se pudessem encontrá-lo em Salisbury... Alguns desejavam se deparar com o juiz Moore em Salisbury para poder surrá-lo, outros para poder matá-lo. Um certo Robert Thomson disse que Maurice Moore cometeu perjúrio e o chamou de nomes infames como traste, canalha, patife, miserável etc., e outros concordaram.

Quando chegou a notícia de que o capitão Rutherford, à frente de sua tropa, estava marchando pelas ruas de Salisbury, o Depoente ouviu vários deles insistirem energicamente que todos os reguladores presentes deveriam marchar para Salisbury com suas armas e lutar contra eles, dizendo que tinham homens em número suficiente para matá-los, podemos matá-los, vamos ensinar a eles como nos enfrentar.

*Jurado e subscrito neste dia 8 de março de 1771, na minha presença,
(assinado) Waightstill Avery
(testemunha) Wm. Harris, Juiz de Paz*

*De William Tryon para o general Thomas Gage
Carolina do Norte
New Bern, 19 de março de 1771*

Senhor,

Ficou determinado ontem, no Conselho de Sua Majestade desta Província, que um grupo de forças dos regimentos da milícia e tropas devem ser reunidos para marchar até os acampamentos dos Insurgentes, que por seus atos e declarações rebeldes desafiaram este governo.

Como temos poucas máquinas ou implementos militares neste país, peço sua ajuda no sentido de obter para mim, para esse serviço, os itens (canhão, balas, bandeiras, tambores, etc.) relacionados aqui.

Pretendo começar minha marcha a partir desta cidade, por volta do dia 20 do próximo mês, e reunir a milícia conforme marchos pelos condados. Meu plano é reunir 1.500 homens, embora, pela disposição que agora surge no lado do governo, esse número possa ser consideravelmente mais alto.

*Com muito respeito e estima,
seu mais obediente servo,
Wm. Tryon*

AGORA, EU ME DEITO PARA DORMIR...

*Cordilheira dos Frasers**15 de abril de 1771*

Roger estava deitado na cama, ouvindo o zumbido intermitente de um pernilongo invisível que havia passado pela pele que cobria a janela da cabine. O berço de Jem estava coberto por um mosquito, mas ele e Brianna não tinham a mesma proteção. Se o inseto ao menos pousasse nele, Roger o mataria, só que o maldito parecia apenas voar em círculos acima da cama deles, descendo ocasionalmente para cantar um suave e irritante *zzzz* em seu ouvido, antes de desaparecer de novo na escuridão.

Ele deveria estar cansado o suficiente para adormecer mesmo diante de um ataque aéreo de esquadões de pernilongos, depois dos últimos dias de intensa atividade. Dois dias percorrendo os vales e cumes das montanhas, espalhando a notícia pelos povoados mais próximos, cujos habitantes, por sua vez, alertariam os membros da milícia que estivessem mais distantes. O plantio da primavera tinha sido realizado em tempo recorde: todos os homens disponíveis haviam passado o dia inteiro, do nascer ao pôr do sol, nos campos. Ele ainda estava tomado pela adrenalina, que percorria sua mente e seus músculos em pequenos espasmos, como se ele estivesse recebendo café diretamente na veia.

Roger havia passado o dia ajudando a preparar a fazenda para a partida dos homens, e imagens fragmentadas das rodadas de tarefas lhe ocorriam, uma a uma, sempre que ele fechava os olhos. Consertar cercas, transportar feno, uma ida rápida ao moinho para pegar os sacos de farinha necessários para alimentar o regimento durante a marcha. Consertar um aro quebrado na roda da carroça, emendar uma rédea rompida, ajudar a capturar a porca branca que tinha tentado escapar do estábulo, cortar lenha e, finalmente, cavar depressa, por uma hora pouco antes do jantar, para que Claire pudesse plantar suas pequenas mudas de batata-doce e amendoim antes de eles partirem.

Apesar da pressa e do trabalho, a escavação no crepúsculo tinha sido um descanso bem-vindo da correria do dia. Pensar nisso permitiu que ele fizesse uma

pausa, revivendo aquele momento na esperança de desacelerar a mente e se acalmar o suficiente para dormir.

Era abril, um mês quente para aquela estação, e o jardim de Claire estava exuberante: espigas verdes, folhas e pequenas flores brilhantes brotando, trepadeiras que se enroscavam nas paliçadas com flores brancas que se abriam lentamente como trombetas silenciosas acima de sua cabeça enquanto ele trabalhava na penumbra.

O cheiro das plantas e da terra recém-mexida o envolvia conforme o ar esfriava, forte como incenso. As mariposas iam até as flores abertas, formas suaves que saíam voando da mata em nuances de branco, cinza e preto. Nuvens de maruins também surgiram, atraídos pelo suor dele, e depois deram lugar a pernilongos graúdos, criaturas escuras e ferozes, de asas estreitas e corpos com penugem, que zumbiam pelos arbustos com a atitude agressiva de torcedores arruaceiros.

Ele esticou os dedos compridos dos pés contra o peso dos cobertores, roçando a perna da esposa, e se lembrou do peso da pá, a extremidade dura sob seu pé, e a sensação satisfatória da terra rachando e das raízes se partindo conforme as pás se cravavam no chão, a terra negra e úmida raiada pelo rizoma branco e impenetrável da grama e pelo brilho fugidio das minhocas que se contorciam.

Uma enorme mariposa-cecrópia passara voando acima da cabeça de Roger, atraída pelos odores do jardim. Suas asas marrons eram do tamanho da mão dele, com duas manchas que pareciam olhos, surreais em sua beleza silenciosa.

Quem planta um jardim trabalha com Deus. Era o que estava escrito na borda do velho relógio de sol de cobre no jardim da casa em Inverness onde ele havia crescido. Irônico, já que o reverendo não tinha tempo nem talento para a jardinagem, e o lugar era uma selva de grama não aparada e roseiras antigas que tinham crescido selvagens e galhudas por falta de cuidado. Ele sorriu ao se lembrar, e deu boa-noite em sua mente à sombra do reverendo.

Boa noite, pai. Que Deus o abençoe.

Já fazia muito tempo que ele perdera o hábito de dizer boa-noite dessa maneira a uma lista curta de familiares e amigos – vestígio de uma infância de preces noturnas que terminavam com a lista de sempre de “Deus, abençoe a vovó, o vovô Guy no céu, meu melhor amigo Peter, Lilian, a cachorra, e o gato do dono da mercearia...”

Há anos não fazia aquilo, mas a lembrança da paz daquele pequeno ritual fez com que ele elaborasse uma nova lista. Era melhor do que contar carneirinhos, ele acreditava – e desejava a sensação de paz da qual se recordava, mais do que desejava dormir.

Boa noite, sra. Graham, pensou, e sorriu para si mesmo, evocando uma imagem

breve e vívida da antiga governanta do reverendo, mergulhando a mão em uma tigela e espirrando água sobre uma grelha quente para ver se as gotas dançavam. *Deus a abençoe.*

O reverendo, a sra. Graham, sua neta Fiona e o marido, Ernie... seus pais, apesar de aquele ser um cumprimento *pro forma* para duas pessoas sem rosto. Claire, na casa-grande, e, com uma leve hesitação, Jamie. Então, sua própria pequena família. Ele se sentiu confortado ao pensar neles.

Boa noite, rapazinho, pensou, virando a cabeça na direção do berço onde Jemmy dormia. *Deus o abençoe.* E Brianna.

Ele virou a cabeça para o outro lado e abriu os olhos, vendo o rosto ovalado dela adormecido, voltado para ele, a menos de 30 centímetros no travesseiro. Ele se virou de lado da maneira mais suave possível e ficou observando Brianna. Eles tinham deixado o fogo se apagar, já que teriam que sair cedo na manhã seguinte. Estava tão escuro no quarto que ele não conseguia distinguir, do rosto dela, nada além do contorno das sobrancelhas e dos lábios.

Brianna nunca ficava acordada na cama. Ela se deitava de barriga para cima, se esticava com um suspiro de satisfação, respirava fundo três vezes e apagava como uma luz. Talvez fosse a exaustão, talvez só o fato de ser saudável e ter a consciência tranquila, mas às vezes ele achava que era vontade de escapar para sua terra de sonhos particular, aquele lugar onde ela andava sem rumo ao volante do carro, os cabelos se agitando ao vento.

Com que ela estaria sonhando naquele momento?, perguntou-se ele. Podia sentir o suave calor do hálito dela em seu rosto.

Ontem à noite, sonhei que fazia amor com Roger. A lembrança daquela entrada no diário ainda mexia com ele, por mais que tivesse tentado esquecer. Ele estava quase dormindo, entorpecido por esses pensamentos, mas lembrar-se do diário fez com que despertasse novamente. Era melhor que ela não estivesse sonhando com aquilo agora! Não depois dos momentos que acabara de dividir com ela.

Ele fechou os olhos de novo, concentrando-se na respiração regular de Brianna. Sua testa estava a poucos centímetros da dela. Talvez ele pudesse capturar o eco dos sonhos dela através dos ossos do crânio? O que ele sentiu, no entanto, foi o eco de sua carne, e as reverberações da despedida, com todas as suas dúvidas e prazeres.

Ela e o rapazinho partiriam pela manhã também; as coisas deles estavam arrumadas junto das dele ao lado da porta. O sr. Wemyss os levaria até Hillsborough, onde, em tese, ela estaria segura e lucrativamente ocupada pintando o retrato da sra. Sherston.

– Você deve tomar muito cuidado – dissera a ela pela terceira vez na mesma noite.

Hillsborough ficava bem no centro do território dos reguladores, e ele não aprovava muito a decisão dela de ir para lá. Brianna ignorara a preocupação dele, no entanto, rindo da ideia de que ela ou Jem pudessem estar em perigo. Provavelmente estava certa – ainda assim, ele não tinha certeza de que ela agiria diferente se *houvesse* perigo. Estava tão animada com a ideia da bendita encomenda, pensou ele, que enfrentaria multidões armadas para chegar a Hillsborough.

Ela cantava baixinho para si mesma “Lago Lomond”, justamente aquela canção. “Ah, você vai tomar o caminho mais nobre, e eu, a estrada de terra, e chegarei à Escócia aaaaantes de você...”

– Você me ouviu? – perguntara ele, segurando seu braço enquanto ela dobrava as roupas de Jemmy.

– Sim, querido – murmurara ela, piscando e fingindo submissão.

Aquilo o irritara tanto que ele a segurara pelos punhos e a virara para ele.

– Estou falando sério – rosnara.

Olhou nos olhos dela, que estavam arregalados, um traço de zombaria ainda brilhando naqueles triângulos azuis. Ele segurou o pulso dela com mais força; por mais alta e forte que ela fosse, seus ossos pareciam delicados, quase frágeis na mão dele. De repente, imaginou os ossos de Brianna embaixo da pele: as maçãs do rosto altas e amplas, o crânio arredondado e os dentes longos e brancos. Era fácil demais imaginar aqueles dentes expostos até a raiz em um sorriso forçado permanente e ossudo.

Ele a puxara para si com uma violência repentina e a beijara com força suficiente para que os dentes dos dois se chocassem, sem se importar se um dos dois se machucaria.

Brianna usava apenas um vestido solto e ele não se dera ao trabalho de tirá-lo, apenas deitou-a de costas na cama e o ergueu acima das coxas. Ela estendeu as mãos para Roger, mas ele não permitiu que ela o tocasse; prendeu os braços dela para cima e depois a pressionou contra o colchão com o peso de seu corpo, roçando, ofegando, procurando conforto na carne fina e macia que separava os ossos dela dos dele.

Eles tinham feito tudo em silêncio, meio conscientes do filho adormecido por perto. E ainda assim, no meio do ato, o corpo dela havia reagido ao dele, de uma forma profunda e surpreendente que ia além das palavras.

– Estou falando sério – repetira ele, momentos depois, falando baixinho em meio aos cabelos dela.

Ele estava deitado sobre ela, envolvendo-a com os braços, impedindo que ela se

movesse. Brianna se remexera e ele a segurara com mais força, para que ela permanecesse imóvel. Ela suspirou, e ele sentiu sua boca se mexer, os dentes se afundando delicadamente na carne na base do pescoço dele. Ela o mordeu. Não de forma abrupta, mas uma mordida lenta, sugando a pele, fazendo com que ele ofegasse e se erguesse para se afastar.

– Eu sei – dissera ela, e livrara os braços para envolvê-lo pelas costas e apertá-lo contra sua maciez úmida e quente. – Eu também estou.

– Era isso que você queria?

Ele sussurrava as palavras agora, mas baixinho, para não despertá-la. O calor do corpo dela atravessava as roupas de cama; ela dormia profundamente.

Se era o que ela queria... o que, exatamente, era? Seria a natureza brutal do modo com que ele fizera amor que a levava a reagir? Ou será que ela teria sentido a força do que havia por trás e reconhecido o desespero da necessidade que ele tinha de mantê-la segura?

E se fosse a forma bruta... Ele engoliu em seco, cerrando um punho ao se lembrar de Stephen Bonnet. Ela nunca lhe havia contado o que acontecera entre ela e Bonnet – e era impensável para ele perguntar. Mais impensável ainda que suspeitasse de que alguma coisa naquela situação pudesse ter mexido com ela. E, ainda assim, Brianna estremeia visivelmente nas raras vezes em que alguma coisa o levava a tomá-la de modo abrupto, sem a delicadeza de sempre.

Ele estava longe de rezar agora.

Tinha a mesma sensação de antes, preso em um inferno de rododendros, com o mesmo labirinto de raízes úmidas e folhas pendentes sempre diante dele, não importava em que direção virasse. Túneis escuros pareciam oferecer esperança de fuga, e no entanto levavam apenas a mais emaranhados.

Pois eu e meu verdadeiro amor nunca mais nos encontraremos nas margens formosas do lago Lomond...

Ele estava tenso de novo, a pele formigando e as pernas se contraindo, inquietas. O pernilongo zumbiu e ele deu um tapa – tarde demais, claro. Incapaz de se manter parado, saiu silenciosamente da cama e fez uma série rápida de agachamentos para relaxar os músculos retesados.

Aquilo proporcionou certo alívio, e ele se abaixou para fazer flexões, contando mentalmente enquanto se abaixava na direção das tábuas do chão. Um. Dois. Três. Quatro. Concentrando-se apenas no ardor crescente no peito, nos braços e nos ombros, na relaxante monotonia da contagem: 26, 27, 28...

Por fim, com os músculos trêmulos devido à exaustão temporária, ele se levantou, tirou a pele da janela e ficou de pé, nu, deixando o ar frio e úmido da noite envolver seu corpo. Talvez ele estivesse permitindo que mais pernilongos entrassem, mas o que já se encontrava ali poderia sair também.

A mata estava prateada com o luar, e o tênue brilho de uma fogueira na escuridão indicava a milícia acampada ali. Os homens tinham chegado durante todo o dia, em mulas ou cavalos velhos, mosquetes sobre as trouxas de roupas. Ele ouviu o som de vozes e de risadas casuais, um fragmento trazido pela brisa. Pelo menos ele não era a única pessoa acordada; saber disso era um conforto.

Uma luz mais forte brilhou na lateral da casa-grande, do outro lado da clareira. Uma lamparina. Duas pessoas caminhando juntas; uma alta, a outra mais baixa.

Um homem disse algo, fez uma pergunta, e Roger reconheceu a voz de Jamie, mas não entendeu o que ele dizia.

– Não – respondeu a voz de Claire, mais suave e mais clara conforme eles se aproximavam.

Ele viu as mãos dela se agitarem, recortadas contra o brilho da lamparina.

– Estou imunda depois de trabalhar na terra. Vou me lavar antes de entrar. Vá para a cama.

A figura maior hesitou, em seguida entregou a lamparina a ela. Roger viu o rosto de Claire à luz por um momento, virado para cima, sorrindo. Jamie se inclinou e a beijou brevemente, então deu um passo para trás.

– Depressa – disse ele, e Roger pôde imaginá-lo sorrindo. – Não durmo bem sem você ao meu lado, Sassenach.

– Você não vai dormir agora, vai?

O tom de Claire era brincalhão.

– Logo, logo, não. – A figura de Jamie tinha desaparecido na escuridão, mas a brisa soprava em direção à casa, e a voz dele surgiu das sombras, parte da noite: – Mas também não consigo fazer a outra coisa se você não estiver ao meu lado, não é?

Claire riu, mas de modo suave.

– Comece sem mim – disse ela, virando-se em direção ao poço. – Eu o alcanço depois.

Roger esperou perto da janela até vê-la voltar, a lamparina oscilando no ritmo rápido de seus passos, e entrar. A brisa havia mudado, e ele não ouvia mais os homens na mata, apesar de a fogueira deles ainda estar acesa.

– Você está adiantado, amigo – disse ele, estendendo um dedo em direção a um vaga-lume e cutucando-o delicadamente. – Acha que já tem alguém por aí?

O inseto se moveu alguns centímetros e em seguida parou, piscando teimosamente.

Ele olhou em direção à mata, a pele agora fria, e sentiu os pelos do peito se arrepiarem. Passou a mão sobre eles distraidamente e notou o ponto sensível onde ela o havia mordido. Estava escuro ao luar, uma mancha clara em sua pele. Ainda estaria ali de manhã?, ele se perguntou.

Ao esticar o braço para colocar a pele de volta sobre a janela, ele viu o brilho da lua no vidro. A pequena coleção de objetos pessoais de Brianna estava na estante perto da janela: o par de pentes de casco de tartaruga que Jocasta dera a ela, a pulseira de prata; o pequeno frasco de óleo de tanásia, dois ou três pedacinhos de esponja ao lado; e o brilho mais forte do frasco cheio de sementes de cenoura. Ela não tivera tempo de usar o óleo de tanásia naquela noite, mas ele tinha certeza de que ela havia tomado as sementes naquele dia.

Abaixou a pele e voltou para a cama, parando perto do berço para sentir a respiração do bebê através do mosquiteiro, quente e reconfortante contra sua pele.

Jem havia afastado as cobertas. Roger ergueu o mosquiteiro e as puxou para cima, prendendo-as com firmeza. Havia algo macio... Ah, o boneco de pano de Jemmy, que o bebê abraçava contra o peito. Roger permaneceu ali por um momento, com a mão nas costas do pequeno, sentindo o subir e descer reconfortantes de sua respiração.

– Boa noite, rapazinho – sussurrou ele, por fim, e tocou o traseiro fofo do menino. – Que Deus o abençoe e guarde.

FELIZ ANIVERSÁRIO

1º de maio de 1771
Acampamento da União

Acordei logo depois do amanhecer, incomodada por um inseto que subia pela minha perna. Sacudi o pé e o que quer que fosse fugiu apressado em direção à grama, evidentemente assustado por descobrir que eu estava viva. Mexi os dedos dos pés, desconfiada, mas não encontrei mais nenhum intruso em meu cobertor, então respirei fundo o ar fresco com cheiro de seiva e relaxei.

Eu podia ouvir uma leve agitação por perto, mas era apenas o resfolegar e o bater dos cascos dos cavalos dos oficiais, que acordavam muito antes dos homens. O acampamento em si ainda estava silencioso, ou tão silencioso quanto um acampamento com várias centenas de homens podia ficar em qualquer momento. A cobertura de lona acima de nós brilhava com a luz suave e as sombras das folhas, mas o sol ainda não tinha nascido por completo. Semicerrei os olhos, feliz por saber que não teria que me levantar ainda – e, quando me levantasse, outra pessoa já teria preparado o café da manhã.

Tínhamos chegado ao acampamento na noite anterior, depois de uma tortuosa jornada descendo as montanhas e atravessando o piemonte para chegar ao local de encontro, na propriedade do coronel Bryan. Estávamos adiantados; Tryon ainda não havia chegado com as tropas de New Bern, nem os destacamentos de Craven e Carteret County, que traziam as peças de artilharia e os canhões giratórios. As tropas de Tryon estavam sendo esperadas para aquele dia, ou assim nos dissera o coronel Bryan durante o jantar na noite anterior.

Um gafanhoto pousou na lona acima de nós com um baque audível. Eu o observei com os olhos semicerrados, mas o bicho não parecia interessado em entrar, graças a Deus. Talvez eu devesse ter aceitado a oferta da sra. Bryan de me conseguir uma cama dentro da casa, junto com as esposas de alguns outros oficiais que tinham ido acompanhar os maridos. No entanto, Jamie havia insistido em dormir no campo com seus homens e eu fui com ele, preferindo uma cama na qual houvesse Jamie e insetos a uma sem ele.

Olhei para os lados, tomando o cuidado de não mexer para o caso de ele estar

dormindo, mas me enganei. Ele estava deitado imóvel, muito relaxado, exceto pela mão direita. Jamie a havia erguido e parecia examiná-la com atenção, virando-a de um lado para o outro e abrindo e fechando os dedos lentamente – tanto quanto podia. O quarto dedo tinha a articulação permanentemente enrijecida, e o dedo do meio era levemente torto, com uma cicatriz branca e profunda dando a volta na articulação do meio.

Sua mão era cheia de calos e áspera por causa da labuta, e ainda havia a tênue cicatriz do ferimento feito por um prego, rosada, no meio da palma. A pele da mão era muito bronzeada e maltratada pelo tempo, coberta de pelos dourados, e de sardas por causa da exposição ao sol. Eu a considerava extremamente bonita.

– Feliz aniversário – falei, baixinho. – Está fazendo um balanço dos anos?

Ele deixou a mão cair sobre o peito e virou a cabeça para olhar para mim, sorrindo.

– Sim, mais ou menos isso. Mas acho que ainda tenho algumas horas até fazer aniversário. Eu nasci às seis e meia; só completarei meio século de vida na hora do jantar.

Eu ri e rolei de lado, afastando o cobertor. O ar ainda estava deliciosamente frio, mas isso não duraria muito.

– Acha que vai envelhecer muito mais até o jantar? – perguntei, provocando-o.

– Bem, acho que nada vai cair até lá – disse ele, pensativo. – Quanto ao funcionamento... bem...

Ele arqueou a costas, espreguiçando-se, e recostou-se de novo com um gemido de satisfação quando minha mão pousou sobre ele.

– Parece que está tudo na mais perfeita ordem – assegurei. Dei um puxão de leve, fazendo com que ele gritasse. – Não está nem um pouco solto.

– Ótimo – disse ele, pousando a mão com firmeza sobre a minha para impedir mais experimentos não autorizados. – Como você sabia o que eu estava fazendo? Um balanço dos anos, como chama?

Deixei que ele segurasse minha mão, mas me movimentei para apoiar o queixo no centro do peito dele, onde havia uma pequena depressão que parecia ter sido feita exatamente para isso.

– Sempre faço isso no aniversário – respondi –, embora geralmente na noite anterior. É como olhar para trás, acho, refletindo um pouco sobre o ano que passou. Mas dou uma conferida nas coisas; acho que todo mundo faz isso. Só para ter certeza de que somos a mesma pessoa que no dia anterior.

– Tenho quase certeza de que sou – garantiu-me ele. – Você não está vendo nenhuma mudança visível, está?

Ergui o queixo do peito dele e o examinei com cuidado. Na verdade, era meio difícil olhar para Jamie de modo objetivo; eu estava tão acostumada com aqueles traços e gostava tanto deles que tendia a perceber pequenos e adoráveis detalhes – a sarda no lóbulo da orelha, o incisivo inferior se projetando mais à frente, ligeiramente desalinhado em relação a seus companheiros – e a reagir à menor mudança em sua expressão, mas não a vê-lo como um todo.

Ele tolerou minha análise com tranquilidade, olhos semicerrados contra a luz cada vez mais forte. Seus cabelos tinham se soltado enquanto ele dormia e se espalhavam sobre os ombros, as ondas ruivas emoldurando um rosto profundamente marcado tanto pelo humor quanto pela intensidade, mas que tinha uma capacidade paradoxal e admirável de se manter inexpressivo.

– Não – falei finalmente, apoiando o queixo de novo com um suspiro satisfeito. – Ainda é você.

Ele resmungou baixinho, divertindo-se, mas permaneceu deitado. Ouvi um dos cozinheiros ali perto, xingando ao tropeçar na haste de uma carroça. O acampamento ainda estava sendo montado; algumas outras companhias – com um grande contingente de ex-soldados entre seus oficiais e homens – eram metódicas e organizadas. Muitas outras não, e havia tendas cambaleantes e equipamentos espalhados pela campina em uma miscelânea, por assim dizer, militar.

Um tambor começou a soar, sem qualquer efeito aparente. O exército continuava dormindo.

– Você acha que o governador vai conseguir fazer alguma coisa com essas tropas? – perguntei, em dúvida.

Jamie também parecia ter voltado a dormir. Ao ouvir minha pergunta, no entanto, os cílios ruivos compridos se ergueram em uma resposta preguiçosa.

– Ah, sim. Tryon é um soldado. Ele sabe muito bem o que fazer, pelo menos para começar. Não é muito difícil colocar os homens para marchar em colunas e cavar fossos, sabe? Fazê-los lutar é outra coisa.

– Será que ele consegue?

O peito sob meu queixo se ergueu em um suspiro profundo.

– Talvez sim, talvez não. A questão é... será que ele vai ter que fazer isso?

Essa era de fato a questão. Boatos tinham se espalhado em torno de nós como folhas de outono em um vendaval, vindos da Cordilheira dos Frasers. Os reguladores tinham dez mil homens, que estavam marchando em uma tropa em direção a New Bern. O general Gage estava navegando de Nova York com um regimento de tropas oficiais para subjugar a Colônia. Os integrantes da milícia

de Orange County tinham se revoltado e matado seus oficiais. Metade dos homens de Wake County haviam desertado. Hermon Husband tinha sido preso e colocado em um navio para ser levado a Londres, onde seria julgado por traição. Hillsborough fora tomada pelos reguladores, que se preparavam para incendiar a cidade e executar Edmund Fanning e todos os seus comparsas. Eu torcia muito para que isso não fosse verdade – ou para que, caso fosse, Hubert Sherston não fosse íntimo de Fanning.

Em meio aos boatos, às suposições e à pura invenção desenfreada, a única coisa da qual podíamos ter certeza parecia ser o fato de que o governador Tryon estava a caminho para se unir à milícia. Depois disso, teríamos que ver, eu acreditava.

A mão livre de Jamie estava apoiada nas minhas costas, o polegar traçando preguiçosamente a linha do meu ombro. Com sua costureira disciplina mental, ele parecia ter deixado de lado a incerteza dos prospectos militares e pensava em outra coisa totalmente diferente.

– Você já parou para pensar... – começou ele, em seguida parou.

– Pensar no quê?

Eu me inclinei para a frente e beijei seu peito, arqueando as costas para incentivá-lo a acariciá-las, e ele obedeceu.

– Bem... não sei se consigo explicar, mas me ocorreu agora que eu vivi mais do que o meu pai, algo que eu não esperava que fosse acontecer – disse ele, com uma leve ironia. – É que... bem, parece estranho, só isso. Só fiquei imaginando se você pensa nisso... já que perdeu sua mãe quando era jovem.

– Sim. – Meu rosto estava enterrado no peito dele, minha voz abafada pelo tecido de sua camisa. – Eu pensava... quando era mais jovem. Como viajar sem um mapa.

A mão dele em minhas costas parou por um momento.

– Sim, é isso. – Ele pareceu um pouco surpreso. – Eu sabia mais ou menos como seria um homem de 30 ou 40 anos... mas e agora?

Seu peito se moveu suavemente, com um barulho que podia ser uma mistura de diversão e confusão.

– Você se inventa – respondi baixinho, para as sombras dentro dos cabelos que tinham caído sobre o meu rosto. – Você observa outras mulheres... ou homens, tenta ver como vivem. Aproveita o que puder usar, olha para dentro de si em busca daquilo que não consegue encontrar em lugar nenhum. E sempre... sempre... se pergunta se está fazendo as coisas direito.

A mão dele estava quente e pesada sobre as minhas costas. Ele sentiu as lágrimas

que escorreram inesperadamente dos cantos dos meus olhos e molharam sua camisa, e com a outra mão tocou minha cabeça e alisou meus cabelos.

– Sim, é isso – disse ele de novo, delicadamente.

O acampamento começava a se agitar do lado de fora, com ruídos metálicos e surdos, e o som rouco das vozes sonolentas. Acima de nós, o gafanhoto começou sua ladainha, como alguém raspando um prego em uma panela de cobre.

– Esta é uma manhã que meu pai nunca viu – comentou Jamie, ainda tão baixo que eu ouvi a frase tanto através de seu peito quanto com os ouvidos. – O mundo e cada dia nele são um presente, *mo chridhe*... não importa o que traga o amanhã.

Suspirei profundamente e virei a cabeça, descansando o rosto contra o peito dele. Jamie estendeu a mão e limpou meu nariz com uma dobra da camisa.

– E quanto a fazer um balanço do tempo – disse ele de maneira prática –, tenho todos os meus dentes, nenhuma parte me falta, e meu pau ainda sobe sozinho de manhã. Poderia ser pior.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br